

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)
ARMANDO ROCHA CRUZ
Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO-RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9
TELEFONE 59-VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO-TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A CIÊNCIA E A HISTÓRIA

A HISTÓRIA é uma ciência? Há quem diga que sim. Há quem diga que não.

Uma característica da ciência é a sua universalidade. Uma lei

PELO
ENG. J. SILVA CARVALHO

física, por exemplo, é válida em qualquer lugar da terra e irrefutável à escala humana. Assim terão de ser as leis históricas, se lhes quisermos conferir certo cunho científico.

Esta circunstância implica que essas leis históricas não poderão ser induzidas da vida dum povo apenas, mas partindo duma multiplicidade de fenómenos semelhantes, ocorridos em todas as la-

titudes e em todos os tempos. Seguindo um tal método poderão conseguir-se alguns conceitos científicos, embora sem o rigor dos da física e dos da química. Mas a exactidão conceitual já é uma circunstância secundária, sabido que as ciências não são igualmente rigorosas, e que a lei da casualidade jamais poderá ser demonstrada, embora um infinito de razões levem o cientista a acreditar cegamente nela. Mas nem por isso devemos afastar a ideia da existência de uma crença.

Porque digo eu que uma pedra largada do espaço cai vertical-

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

O PREÇO DA ALFARROBA

Pelo DR. A. DE SOUSA PONTES

Publicámos na imprensa algarvia algumas notícias, dizendo que a alfarroba, em Espanha, se cota a 5 pesetas o quilograma, ou seja, ao câmbio de \$48, o equivalente a 36\$00 a arroba. Dissemos também que seria este o preço justo, pois em Inglaterra, o triturado da alfarroba equivale, em preço, ao da cevada, milho e aveia, cujos valores forraginosos são idênticos, enquanto que no nosso País existe uma diferença para menos, para a alfarroba, que varia de \$60 a 1\$00 por quilograma.

Parece que houve quem puzesse em dúvida tal afirmação, visto que obteve cotações diferentes, escrevendo directamente para Espanha.

Temos presente o jornal espanhol YA, de 5 de Dezembro do ano findo. (ou seja da data posterior à da publicação da referida notícia), que na sua página 8, dedicada apenas à agricultura, traz as seguintes cotações dos preços,

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

ALGARVIOS ILUSTRES

No gabinete de sua Reitoria no Liceu Passos Manuel foi galar-duado com a comenda da Instrução Pública, o nosso ilustre com-provinciano dr. José Guerreiro Murta, que por limite de idade deixa de exercer aquela função.

Pedagogo notável tem neste ramo da ciência uma obra de pres-tígio.

Em todos os cargos que exerceu deixou vincada a sua forte personalidade de mestre e orientador.

«Notícias do Algarve» jubilo- (CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

MONTE GORDO MODERNIZA-SE

A Câmara Municipal e a Iniciativa Particular TORNARÃO MONTE GORDO, DENTRO DE 5 ANOS NA MAIOR ZONA TURÍSTICA E BALNEAR DO PAÍS

- UM HOTEL COM 52 QUARTOS ● UMA PENSÃO RESIDENCIAL COM 50 QUARTOS ● UMA ESPLANADA NO MEIO DA MATA COM A PARTICIPAÇÃO DE VEJETAS INTERNACIONAIS DO MUSIC-HALL
- Uma Bolte elegante no Terraço do Hotel Vasco da Gama, aberta todo o ano e com a apresentação das melhores Orquestras ● Construção de edifícios em regime de propriedade horizontal

DENTRE os numerosos centros turísticos do nosso País, que possuem praias concorridas por numerosos turistas nacionais ou estrangeiros, um afloira entre todos, não pela sua boa propaganda turística, não pelas suas belezas paisagísticas, mas sim pela sua excepcional vastidão, pelo seu clima magnífico, único na Europa e que a todos seduz pela sua benignidade.

Esse centro turístico é Monte Gordo, centro turístico em formação, praia maravilhosa que encanta quem a visita.

Como imensa riqueza desprezada pelos homens de poder, esteve Monte Gordo, beneficiando apenas da propaganda feita pelos seus veraneantes que, pouco a pouco, iam manifestando aos amigos e aos turistas estrangei-

ros o seu carinho por esta maravilhosa estância de Verão.

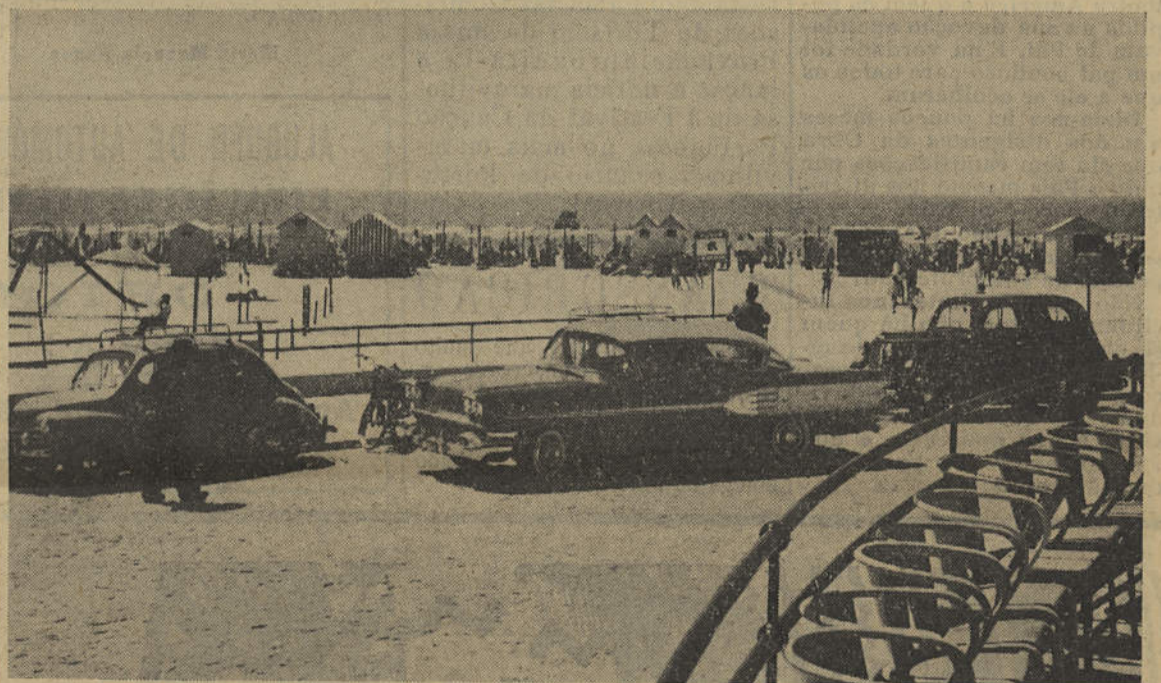
O ano de 1960 será o ano de ouro para Monte Gordo, iniciativas arrojadas esboçam-se já na mente dos financeiros e dos empreendedores que compreenderam agora quanto é de valia a

organização turística bem perfeita, duma estância balnear de tal natureza e de tão vastos recursos.

Enfileirando com o grandioso edifício do Hotel «Vasco da Gama» que já está a ser construído, com três pisos e 52 quartos, to-

dos eles de primorosa decoração e requintado gosto, teremos uma esplêndida Pensão Residencial com cerca de 50 quartos, bem arejados e de moldes modernos, que nada ficará a invejar aos es-

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)



ALGARVE FLORIDO

PRESTÍGIO DE PORTUGAL

CUMPRINDO a sua promessa à linda princesa do Norte, nostálgica das neves do seu país, mais uma vez o Algarve desdobra o manto dos seus amendoal-rais floridos. E por léguas e léguas de extensão é tudo branco, aqui e além salpicado de tons rosados.

Movem-se caravanas de todo o País para ver o milagre da neve feita de pétalas. E os lavradores algarvios, para que das suas árvores não fiquem só os troncos descarnados, têm de fa-

zer a defesa dos seus bens, im-pedindo que os visitantes arran-quem pernadas e ramos aos can-delabros de flôr.

Mas se o Algarve tem agora o seu cúmulo de beleza turística e tanta maravilha fica por ver! — quem viajou nesta época pelo Guadiana com as duas margens desdobradas em branco rosado caindo sobre as plácidas águas do rio? — não é só agora que é belo. Quem em qualquer época

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)



O «galá» careca, por quem suspiram as «fans» de todo o mundo, terminou as filmagens do seu último filme. O irresistível Yul Brinner com a sua companheira de estúdio, Mitzy Gaynor, sorri para a objectiva sem aquele ar de «castigador» que o tornou famoso.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa sr. dr. Armando Celorico Drago.

Estiveram nesta vila, por motivo do falecimento da sr.^a D. Maria das Dores Gomes Barroso Sanches, além de outras individualidades os srs. dr. António Baptista Coelho, Governador Civil do Algarve; dr. José Ascenso, presidente da comissão distrital da União Nacional; dr. Luís Gordinho Moreira, presidente da Câmara Municipal de Faro; eng. José Gaudêncio Pessanha Barbosa; Brigadeiro Eduardo Santos; D. Narciso Martin Navarro, presidente do município da vizinha cidade espanhola de Alamoonte; sr. Francisco Modesto e o sr. António de Passos Lima.

Com pouca demora esteve nesta vila o nosso estimado amigo e prezado assinante em Lisboa sr. eng. M. D. M. Falconer.

Fixou residência em Évora onde foi colocado como comandante interino do Batalhão n.º 2 da Guarda Fiscal o nosso prezado assinante sr. capitão Joaquim Francisco Rijo Cardeira da Silva.

Conta Gotas

(Conclusão da 1.ª página)

pressionou: Não soube porquê, nem agora o sei. Nós, as mulheres, não perdemos nunca totalmente a ideia que fazemos dos homens quando raparigas; do seu valor, da sua coragem, da sua fortaleza de ânimo, da sua condição real — por obra e graça do nosso amor, embora... — o homem é uma força da natureza, senhor de astros, único ser do universo de quem a mulher, gostosamente, se deixa subjugar. E de repente vê-lo assim caído do seu trono, magros, escanzelados, a implorar seja o que for.

Pedro Sem que já teve e agora não tem... Mas não interessa isso agora. Interessa que, ao contrário do que se poderia imaginar, a passagem pelas furnas não me deixou acabrunhada. Não, ao invés disso. Há que ver a raiva com que aquelas plantas mirradas se agarram à vida! Tudo contra elas, elas contra tudo. O jogo diabólico em que todos os golpes são permitidos — e impunemente. A fome, a doença, o abandono...

Qual o quê! Nada disso é bastante para devotar ali o amor à vida, o apego ao chão. Todos os meios são bons para alimentar o fogo sagrado — a esmola, o trabalho quando ca-

tha, e também quando calha, e se Deus ajuda, os cinco mandamentos pelos haberes dos burgueses cá do sítio.

Eu acredito no futuro radioso para a Humanidade. Acredito que a força da guerra é uma força agonizante, defronte da muralha intransponível dos nossos peitos e dos nossos braços. Acredito na vitória da bondade — pelo simples facto de que a bondade não desiste nunca (e quem não desiste acaba por vencer...) Acredito que o destino de todas as tiranias presentes é igual ao destino de todas as tiranias passadas. Acredito que as crianças não-de-governar o mundo, não, não tarda. Acredito que, amanhã, viverão sem uma festa.

Acredito. Apesar disso, quantas vezes a neurastenia implica comigo! Não será bem o «spleen» do gato gordo inglês. Uma raiva, um aborrecer-se a gente com o destino que nos parece por vezes tão vagaroso, tão em-burritor. E também um revoltar-me contra mim própria que não dou, tanto quanto podia, para que a roda do tal destino ande mais depressa. De qualquer forma, neura, Uma apatia que dura horas, dias, incômoda, semelhante a um lastro de chumbo na alma. (É certo que depois, quando regresso, quanto alegria no meu coração de me haver recuperado! Quanta nova força no meu braço de ervinha mansa! Quanta luz nos meus olhos, luz novinha, como o verde inicial de Abril! Compreende-se. Tenho noivado com a esperança e os noivos também amuam).

Acontece-me, pois, por vezes, não ter gosto pela vida, era aí que eu queria chegar. Viver como um vômito (desculpem a imagem, mas é só para lhes dar uma ideia!) Estou doente, e o tempo corre depressa e se calhar a felicidade já não vem a horas de me encontrar ao lume de água e outros pensamentos da mesma laia. Eu, que tinha tudo quanto digo acima, e mais os versos de Garcia Lorca, e o coração de Eduard, e a fraternidade de Albert Schweitzer e os olhos bons de tantos amigos! Pois os do bairro da sucata aqui perto, sem mais nada além da sua miséria, dos seus estran-gulados horizontes, das suas noites mal dormidas e dos seus dias não vividos, pois esses agarram-se à vida, como se estivessem convencidos de que constituem a mola principal do Universo.

E são mesmo, aí é que está. São e ainda ninguém lho disse. Eles sabem-no, apesar de tudo. Sabem-no desde o princípio do mundo em que vêm resistindo a todos os temporais com os olhos fitos na praia onde mora a felicidade.

Cheguem lá ou não, pouco se lhes dá. Resistem, é tudo. Se a lição deles aproveitar, (e tem aproveitado!) a praia será atingida.

Sei que era isto o que eles gostariam que eu te dissesse, leitor amigo.

Maria Manuela Nunes

LUTUOSA

D. Maria das Dores Barroso Gomes Sanches

Faleceu nesta vila no passado dia 10 do corrente a sr.^a D. Maria das Dores Barroso Gomes Sanches, de 75 anos de idade, viúva do sr. Matias Gomes Sanches, que foi Governador Civil do Algarve e muito dedicado presidente da Câmara Municipal desta vila durante largos anos.

Pessoa de grandes dotes caritativos e de fino trato, a saudosa extinta era muito estimada por todos os que tiveram a felicidade de com ela privar.

Era mãe dos srs. João Barroso Gomes Sanches, industrial, casado com a sr.^a D. Ivete Pitó Costa Sanches; Matias Barroso Gomes Sanches, presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e vice-cônsul da Holanda neste localidade, casado com a sr.^a D. Maria do Nascimento Afonso Conceição Gomes Sanches; e Manuel Barroso Gomes Sanches, industrial, casado com a sr.^a D. Maria Eduarda Neves Gomes Sanches; e das sr.^{as} D. Cármen Natália Barroso Gomes Sanches Paula, casada com o sr. eng. geógrafo Mário Paula; D. Francisca Barroso Gomes Sanches Barbosa, casada com o sr. Fabrício Pessanha Barbosa, proprietário; e D. Maria Rosa Barroso Gomes Sanches Borges; cunhada da sr.^a D. Maria del Cármen Gomes Coelho Barroso, e tia dos srs. engs. João Manuel e António Manuel Gomes Barroso.

A família enlutada apresentamos a expressão sincera do nosso pesar.

D. Maria Amélia M. Molarinho

Faleceu em Lisboa, onde esteve sob tratamento médico a sr.^a D. Maria Amélia Martins Molarinho, de 48 anos, natural de Tavira, casada com o sr. António José Molarinho, empregado da firma Ramirez, Perez, Cumbreira & C.^a, em Olhão, mãe dos srs. António Joaquim Martins Molarinho e José Manuel Martins Molarinho, sogra da sr.^a D. Maria Cristina Farracha Molarinho e avó da menina Cristina Maria Farracha Molarinho.

Ao nosso estimado amigo sr. António José Molarinho, apresentamos as nossas sinceras condolências.

CINE-FOZ

Hoje, apresenta em Cinemascope, Os fins de Semana de Nero, com Alberto Sordi, Vittorio de Sica, Gloria Swanson e Brigitte Bardot. (Para 17 anos).

Terça-feira, em Superscope, A Grande Estrada Azul, com Yves Montand, Alida Valli e Francisco Rabal. (Para 17 anos).

Quinta-feira, Morena dos meus sonhos, com Sarita Montiel. (Para 17 anos).

**ALUGUER DE AUTOMÓVEIS SEM CONDUTOR
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
STAND DE VENDAS
OFICINAS
COMAL**

Av. Alvares Cabral, 45-B-LISBOA
Telefones 680160-688525

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

COMO A CARIDADE,

A SINCERIDADE BEM

COMPRENDIDA ..

Para a personagem shakespeariana, ser ou não ser é que era o problema. Para nós, homens, o problema devia ser conhecemo-nos, sondarmos a nossa alma.

Todavia, damos a impressão de não gostarmos de ler dentro de nós próprios, parece que tememos de nos encontrarmos tais como somos por dentro. Somos, porventura, mais hipócritas para connosco, do que para com os outros.

E mau é isso, porque se fôssemos sinceros connosco, automaticamente o seríamos com toda a gente. Lembremos os conhecidos versos de Shakespeare:

This above all, to thine ownself [be true
And, it must follow as the night [the day
Thou canst no then be false to [any man.

(Hamlet, acto I, cena III)

ANTROPOFAGIA

DE «CIVILIZADOS»

O mundo divide-se em duas classes; a dos que comem o pão com o suor do seu rosto e a dos que comem o pão que custou o suor dos outros.

Vai diminuindo a classe dos segundos, e a História narra quanto sangue tem corrido para que essa classe diminua. Parasitas, nem pintados, quanto mais em carne e osso, e com apetite devorador!

Ora, enquanto os parasitas não desaparecerem, forçoso é que a revolução continue. A antropofagia, entre gente que se diz «civilizada», é uma prática vnacónica. Quem, de facto, podendo trabalhar, não trabalha, está, no fim e ao cabo, comendo o seu semelhante.

EM LOUVOR DO LACONISMO

Um mediocre pensamento tem tudo a lucrar, se da boca ou da cara,eta não chegar a sair. Mas, dado que seja, mais do que bom, óptimo, há toda a vantagem em o exprimir em linguagem concisa. A expressão lacónica tem este alto merecimento; transforma o mau em sofrível, o sofrível em quase aceitável, o razoável em bom, o bom em óptimo, o óptimo em ouro sobre azul.

A concisão — ao contrário da prolixidade — fortifica o pensamento. A concisão valoriza as pérolas. A prolixidade dissolve essas mesmas pérolas, ou faz que elas se transformem em bolotas, que só os suínos podem tragar. Aliás, em matéria de paladar literário, não faltam aí suínos que às pérolas preferem francamente as bolotas.

Os desgraçadinhos não nasceram para olhar o céu, mas para fossar o chão,

Cruz Malpique

MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE

Será inaugurado em 9 de Agosto o monumento ao Infante D. Henrique em Lisboa.

Os trabalhos continuam em ritmo muito rápido, tendo já sido colocadas algumas das 52 gigantescas estátuas que leadearão a figura do Infante.

AGENDA

TRAINEIRAS

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 7 a 13 de Janeiro.

Audaz	22.155\$00
Refrega	1.280\$00
Norte	16.580\$00
Vulcão	14.738\$00
Raulito	10.705\$00
Clarinha	6.865\$00
Amazona	1.970\$00
Flor do Guadiana	480\$00
Boacal	49\$00
Total	92.822\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 8 a 14 de Janeiro.

Entrados:

MADEIRENSE, Português, de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
SETUBAL, Alemão, de 1370 ton., com carga em trânsito.
ROLANDESECK, Alemão, de 1299 ton., com folha de flândres, de Roterão.
MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.
BLISWORLDH, Inglês, de 1031 ton., com folha de flândres, de Bristol.

Saídos:

MIRA TERRA, com minério, para Lisboa.
ROLANDESECK, com conservas e cortiça, para Hamburgo e Bremen.
SETUBAL, com alfarroba, cortiça e conservas, para Antuérpia, Roterão e Hamburgo.
MADEIRENSE, com sal, para Funchal.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 16 a 22 de Janeiro a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda — Telefone 64

Eng. Rui Duarte C. Pacheco

Com brilhante classificação concluiu a sua formatura em Engenharia Civil o sr. Eng. Rui Duarte Correia Pacheco, filho da sr.^a D. Maria da Purificação Correia Pacheco e do nosso estimado amigo sr. Capitão Inácio Monteiro Pacheco, a quem apresentamos as nossas felicitações.

MOVIMENTO RELIGIOSO EM GASTRO MARIM NO ANO DE 1959

Durante o ano de 1959 foi o seguinte o movimento religioso na Paróquia de Castro Marim: Casamentos, 28; Baptismos, 162 e Óbitos, 42.

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...



RODRIGUES PINEO & C.^a

Vila Nova de Gaia

«NOTÍCIAS DO ALGARVE» VENDE-SE EM TODO O ALGARVE

Uma iniciativa DO «NOTÍCIAS DO ALGARVE»

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

30 de Janeiro, tendo sido escolhidas numa primeira selecção 60 canções.

Da selecção final e em que serão admitidas apenas 20 canções, foi incumbida uma especial comissão, composta por competentes personalidades e presidida pelo Príncipe António de Curtis-Tóto no cinema — o qual se mostrou zeloso e muito severo na admissão das melhores canções, que percorrerão todo o mundo em milhares de discos.

Estamos certos e as con-

OBRA DA RUA

● FAZ 20 ANOS A OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fez agora 20 anos que se fundou a conhecida obra da Rua criada pela fé ardente e vontade firme e generosa do venerando e sempre saudoso Padre Américo a quem os pupilos na sua devoção apelidavam de Pai. E na verdade foi um pai bondoso para todos os que a ele se acolheram.

Dizia-nos há poucos meses um dos dirigentes da Obra que ela tem ramificações por todo o País mesmo nos distritos de Faro e Guarda.

Dar-se-á o caso que na nossa Província não haja quem precise da sua protecção?

Não cremos; antes nos inclinamos a que não há quem se abalance aqui a continuá-la. Não tem o Algarve corações generosos? Não o duvidamos. O que se torna necessário é que apareçam e que se não demorem a provar do que são capazes.

firmas começaram já aparecer que a ideia lançada pelo nosso Jornal não foi colocada naquela apatia que durante anos infelizmente caracterizou as nossas iniciativas turísticas.

E' tempo, agora com o começo do Verão que se começa a pensar seriamente nesta grande oportunidade de espalhar o nome da nossa província por todo o Portugal e por todo o Mundo na radiodifusão das canções premiadas e nas notícias difundidas pelas inúmeras agencias noticiosas.

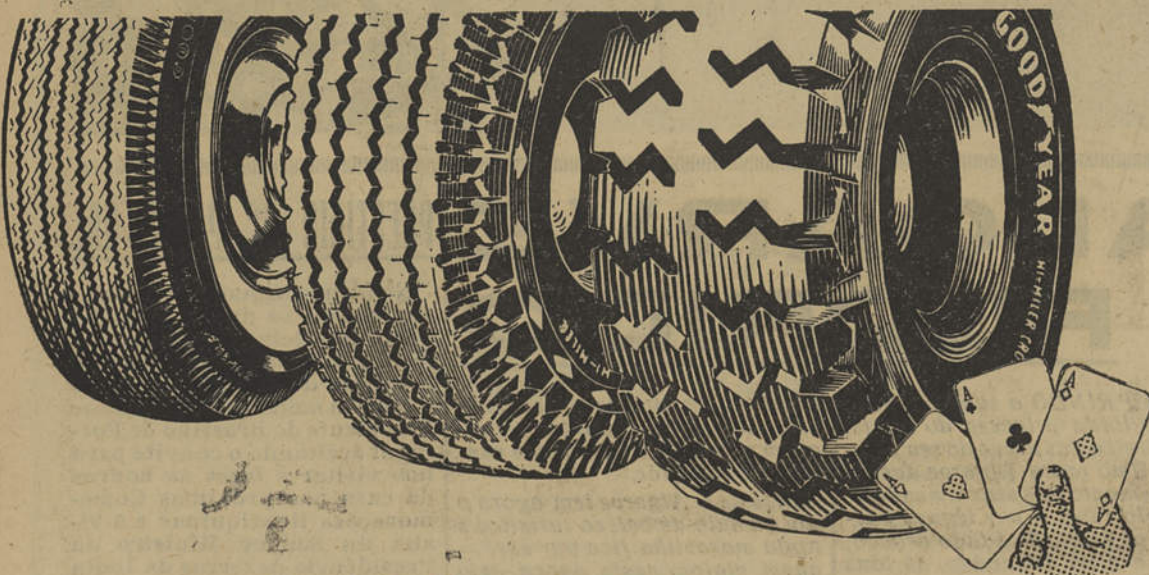
Qualquer das nossas praias estão em questão. Todas elas são cenários maravilhosos para serem as eleitas a apresentar o I Festival da Canção Portuguesa.

Têm a palavra as Comissões de Turismo da nossa Província, nós cá estaremos para difundir as ideias apresentadas, as sugestões para os prémios a atribuir.

A ideia está em causa, resta agora uma das Comissões de Turismo da nossa Província aproveitá-la e lançar a notícia maravilhosa do I Festival da Canção Portuguesa no mais maravilhoso cenário de Portugal: o Algarve!

TRANSCRIÇÃO

Teve a gentileza que muito agradecemos, de transcrever parte de um dos últimos «Conta-Gotas» de autoria da nossa distinta colaboradora sr.^a D.^{ra} D. Maria Manuela Nunes o nosso prezado colega de Fafe «O Desforço».



AGENTE-AUTORIZADO:

M. SALVADOR VAZ PALMA
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 76

GOODYEAR

Tem orgulho de apresentar... os três ases!

SUPER CUSTOM Elegância, Segurança, Conforto

TRACTION HI-MILER Economia em serviços gerais

HI-MILER CROSS RIB Mais quilómetros por escudo

A GELEIA REAL NO COMBATE AO CANCRO

O CANCRO, ESSE FLAGELO

ADVERTÊNCIA

O PROBLEMA da cura do cancro é demasiado grave, demasiado importante e demasiado actual para que seja permitido falar nele irreflexivamente. Pensamos, portanto, cada um nossas palavras. E dizemos aqui que, finalmente, um grande clarão de esperança aparece ao alcance da mão.

Experiências positivas acabam de ser realizadas no Canadá. Não somente os resultados são muito felizes no animal, mas a substância anticancerosa está perfeitamente determinada em casos e em condições muito definidas.

Quatro formas de cancro, especialmente a leucémia, são neutralizadas na origem «no rato». Ora, esta substância não é absolutamente perigosa, nem nociva. Um de nós estudou-a profundamente e conhece-a em absoluto.

Eis por que um biologista especializado na Geleia Real e um médico orientado na investigação fora de toda a sujeição comercial se voltam para vós com a grande esperança da cura das formas do cancro. Não receamos nem as críticas de uns nem os sarcasmos dos outros. Em consciência, procuramos comunicar a todos, doentes de hoje, ou de amanhã e médicos do mundo inteiro, a nossa fé e a nossa esperança.

B. de B. e M. G.

É, INFELIZMENTE, inútil insistir nas devastações devidas ao cancro; cada vez mais, os cirurgiões, os cancerólogos abrem os olhos do público sobre o número de cancerosos, a diversidade das formas dos tumores malignos, o espectáculo pavoroso dos hospitais cujas salas regorritam de doenças incuráveis.

Duas desculpas neste quadro, — que é inútil descrever longamente, tanto está no espírito de cada um, — primeiramente, é uma doença dos velhos, portanto, os que são atingidos estão por definição próximos do termo da vida; depois, «há que morrer de qualquer coisa» e este cliché anda na boca dos que são jovens e saudáveis. Na verdade, o cancro atinge cada vez mais os jovens nem os latentes são poupados: pela pavorosa doença que se julga reservada à velhice, segundo afirmam as revistas especializadas.

Compreende-se a obstinação da Sociedade, em todos os países, contra o cancro: centros anticancerosos regionais e nacionais com o fim de hospitalizar os doentes; centros de rastreio, a fim de determinar tão precocemente quanto possível o risco do seu aparecimento; ligas contra o cancro para socorrer ao máximo os doentes. Conferências, opúsculos, filmes nada tem sido poupado para abrir os olhos ao mundo sobre o importante flagelo.

Mas, contra este mal, poucos remédios, pouca esperança, poucas vitórias. Uma única esperança: um diagnóstico muito precoce que autorize a ablação do tumor (a exérese, diz o cirurgião) ou certas aplicações rádio-físicas das quais o rádio e a cobaltoterapia são as expressões mais clássicas.

Todavia, não é por falta de verbas (muito insuficientes certamente elevando-se a vários bilhões, no total, pelo mundo) que a solução não foi encontrada. Nem por falta de inteligência, paciência, vontade génio mesmo, da parte dos médicos, sábios, biólogos, investigadores de todos os ramos, de toda a ordem. Mas o cancro é uma doença «à-partes». Ignora-se tudo dele e os ensinamentos contraditórios todos os dias mais completos obscurecem mais o horizonte do que iluminam as perspectivas.

Os problemas são, em suma, de três espécies: a causa do cancro; (Conclui na 4.ª página)

UM CONTO DE VEZ EM QUANDO...

VIDAS NOCTURNAS

A VIDA é muito curta para que a ociosidade nos detenha impassíveis fora das horas habituais de sono. Exceptuando esta delícia diária, o cérebro capta infalível o que nos rodeia; fica-se enfadado ou agitado. O leitor o que prefere! Eu mesmo, opino pelo segundo caso; sente-se a vida num todo e isso me realimenta quando algum problema estranho se me insurge inopinadamente—O enfado é pior do que o fado.

Uma noite entrei num bar conhecido e lá encontrei o Nuno conversando com uma jovem. Não era bonita mas tinha um semblante parecido com uma artista de cinema. Não me recordo do nome, mas não interessa. Entrei lá porque precisava de uma bebida. O ambiente era semiescuridão e as pessoas reconheciam-se nas suas próprias mesas. Sentei-me ao lado de Nuno e a jovem era a Manuela que tem um passado triste e um presente não muito menos,—a velha história e acrescida de mais esta que também me interessou:

Dá-me um cigarro, o Nuno não fuma...

Vocês lembram-se do tal reformado do exército que vem muito aqui ao bar! Calculem, foi hoje a minha casa. Não queria que a Alicinha o visse, mas o raio do velho enfiou logo pelo quarto e assim que viu a minha filha começou a rir, a dar-lhe beijos, e dizia-lhe: — Oh, pequerrucha, minha pequerrucha... dá cá um beijo ao velhote. Eial! Que bonitos olhos... Hum! São os da mãe...

E continua numa cegarrega. O velho parecia não sei o quê. Põe-se de joelhos e perguntava-lhe assim: — Diz-me cá, como te chamam? — A Alicinha olhou e disse-lhe «não digo» e ria, ria...

Não dizes, Olá! Já não gosto de ti.

O velhote, depois, já não podia estar de joelhos e mandou-me buscar uma almofada e prosseguiu na cegarrega. Fazia que tirava um dedo, acabou por contar uma história e de repente perguntou-lhe: — Como te chamam! «Não digo, não digo... só se me deres bolos».

A Alicinha estava radiante, pu-

lava-lhe ao pescoço e até lágrimas tinha nos olhos.

Eu estava parva a olhar para aquilo tudo. O velho aqui sempre bêbado, só não bebe água! Andava sempre aos beliscões e vem comigo Manuela, já sabes que não te maço e se é dinheiro que queres e mais isto e mais aquilo. Fiquem lá sabendo, não me ligava «nadinha». O pior foi o resto: Tu, Nuno, sabes bem como eu gosto da minha filha, até estou a juntar dinheiro para ela estudar e ser uma menina como as outras. Quando penso que daí a pouco ela já é uma mulherzinha e eu a vender o corpo aos homens, até choro, choro, acredita que é verdade; eu não veja mais a luz do sol. Pois, o velho quis sair com a Alicinha, para comprar bolos, enquanto eu me vestia. Eu não tive medo, é claro, sabem bem o que ele é quando está bêbado, só não caminha de pé e o resto só eu sei...

Agora, já, era a Alicinha de roda de mim «mamã, deixa a menina ir, mamã deixa...» E acabaram por ir. Havla mais de meia-hora que estava a esperar e já não sabia o que pensar: o velho embebedava-se, leva a Alicinha para o bar e que vergonha; lembrei-me da cara da minha mãe toda ensanguentada, com as sovas que o meu pai lhe dava; a noite que fiquei na rua, o meu pai preso por desordem com a polícia e a minha mãe no hospital quase a morrer; depois a fome, e vagar nas ruas com a cabeça e a barriga vazia; só Deus sabe, mais ninguém.

Mas a porta abriu-se e Alicinha trazia um pacote grande de bolos e lancei-me a ela afilta. Parece que não a vê há muito tempo!

Disse o velho—Calá-te, fizeste-me apanhar um susto.

«Bom, toma lá isto», E entregou-me duas notas das grandes.

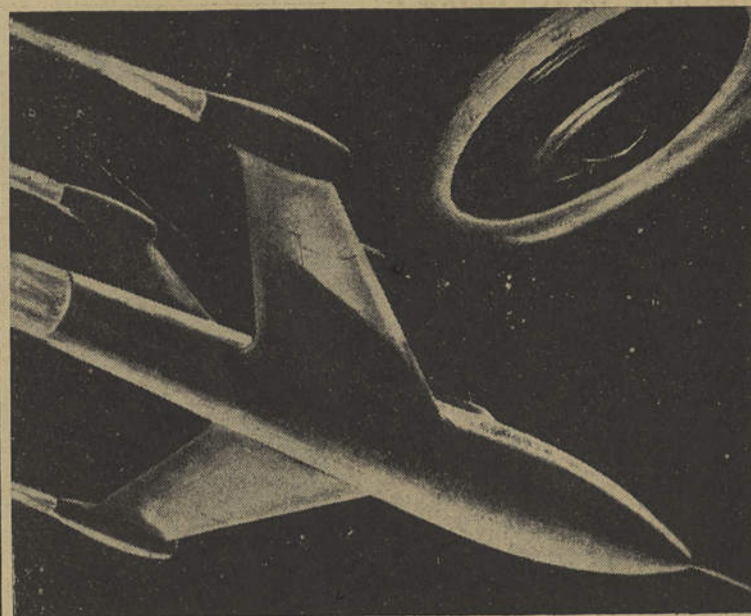
A noite, espera por mim no bar.

—E saiu.

Cruzes, o diabo seja cego, surdo e mudo, não ganhei para o susto.

José Macheira

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.



A Loucura Lunar

PARA muitas pessoas, a competição pelo domínio do espaço cósmico é uma prova da loucura humana. Por simples razões de prestígio despendem-se iam verbas fabulosas, sem proveito de qualquer espécie. Verbas que teriam melhor aplicação no socorro de necessidades reais e imediatas, na busca da cura de doenças como o cancro, a tuberculose, a poliometite, na melhoria das condições de educação e habitação, no melhor aproveitamento dos recursos do nosso Globo.

A afirmação feita algures por um cientista britânico, de que deve ser mais fácil criar couves no fundo do mar do que na Lua ou em Marte, entrou já na categoria dos lugares comuns. O homem da rua estremece perante as apavorantes des-

crições do provável ambiente lunar e pergunta a ele próprio e aos seus semelhantes como será possível viver um dia em tais paragens. Entre os intelectuais vai sendo moda falar-se em desfavor da conquista de outros planetas. Diz-se que «ela não traz quaisquer vantagens de ordem moral» e que pensar no envio de homens para o espaço é mais do que loucura: é um crime.

Pode dizer-se que em todos os grandes momentos da Humanidade houve gente daquela espécie que Camões bem desenhrou na fala do Velho do Restelo, o conservantismo e o medo das inovações andaram sempre paredes meias com o entusiasmo e a audácia.

No caso presente existe, porém, algo mais que o re-

(Conclui na 4.ª página)

513 CISA

Oferta!

caixas para géneros

Troque 2 Rotulos de SONASOL LÍQUIDO SUPERCONCENTRADO

e apenas 10\$00 por uma ótima caixa em plástico para: Grão, Feijão, Farinha, Massa, Arroz ou Açúcar. Dirija-se ao seu fornecedor.

N. B. Só servem os rótulos com a sobrecarga "Oferta".



A nova fórmula do SONASOL LÍQUIDO SUPERCONCENTRADO garante uma limpeza impecável nas suas louças, vidros, mosaicos, lãs, sedas, nylons, etc. Apenas uma garrafa garante, durante um mês, a lavagem da louça usada por quatro pessoas. O SUPERCONCENTRADO é ainda mais ECONÓMICO, PRODUZ MAIS ESPUMA e NÃO TEM CHEIRO.



NOVO

Sonasol

LÍQUIDO

Superconcentrado



(2) UM JORNALISTA ITALIANO ITALIANO FALA DE PORTUGAL O MILAGRE DE NAZARÉ

O turista que visita Portugal são contadas interessantes lendas, pelo povo, com uma fé tão simples e sincera que não admite dúvidas ou cepticismo na sua verdade.

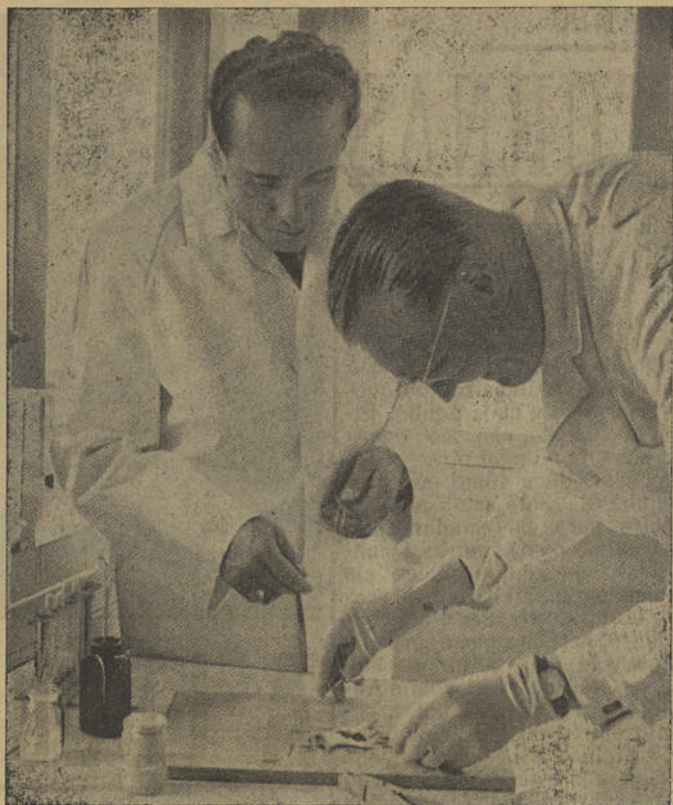
A vila da Nazaré, uma das mais típicas de Portugal, terra de simples pescadores, de costumes ainda ancestrais, possui uma lindíssima praia sempre animada, quer pelos milhares de turista que a frequentam no verão, quer pelos pescadores seus habitantes que vivem na praia a vida de todos os dias.

Esta encantadora praia é o seu pequeno porto de pesca onde trabalham afanosamente homens e mulheres de todas as idades.

No seu diminuto porto muito original, os barcos de pesca são tirados da água e puxados para a areia por parrelhas de bois, que tal como nos campos ajudam o homem no trabalho. São às vezes quatro ou cinco ou ainda mais parrelhas de bois que puxam aqueles barcos, entre a alegre animação de dezenas de pescadores, de homens e mulheres e de muitas crianças que, numa pitoresca gritaria, incitam os animais e os ajudam no violento esforço. Os homens envergam calças de coloridos quadrados e blusas igualmente de desenho de xadrez, trazendo na cabeça um típico barrete que fala da Nazaré e da beleza da sua praia. As mulheres descalças deixam ver na largura das suas vestes as sete saias rodadas e diferentes, de que se orgulham e que atestam os seus bens e elegância.

Ali na praia de Nazaré sempre animada, como se fosse a praça da vila, fazem-se os preparativos da pesca, trabalha-se, canta-se, dança-se e tantas vezes se chora de dor dos que se perderam nessas águas belas e traiçoeiras. Como fundo, imponentes rochedos debruçam-se para o mar, tentando ouvir talvez, o murmúrio suave das verdes águas marinhas. uma singe-

(CONCLUI NA 6.ª PÁGINA)



Os senhores Boyer de Belvefer e Dr. M. Gautrelet, autores destas considerações sobre o cancro.

O Cancro, esse Flagelo

(Conclusão da 3.ª página)

os problemas clínicos do cancro e o tratamento do cancro.

A CAUSA DO CANCRO

Ignora-se, porque as teorias se defrontam e todas as questões ficam sem respostas: — Teoria vírica? O microscópio, mesmo electrónico, a uma ampliação de 150.000, não revelou ainda nenhum vírus. Teoria das toxinas? Nenhuma transmissão de toxinas, por exemplo na leucémia, pôde jamais ser verificada. Teoria parasitária? Os últimos defensores desta hipótese desapareceram.

Contudo, se é verdade que o cancro não é nem contragioso nem transmissível, é na aparência parcialmente familiar e, nas formas experimentais, o tumor pode ser enxertado de um animal noutra.

Pode tirar-se destas breves noções, a conclusão de que a etiologia do cancro é das mais obscuras.

CLÍNICA DO CANCRO

A mesma obscuridade total vela a clínica do cancro. Os seus sintomas, as suas formas, a sua evolução são duma variedade tal que os cancerólogos os classificam em séries múltiplas: — segundo as formas: sarcoma, carcinomas, Hodgkin. Segundo as localizações de evolução: epiteloma, na pele; adeno-carcinoma, nos ganglios; leucémia, no sangue; linfosarcoma, no sistema linfático, etc.

Idade, sexo, reacção aos tratamentos, tudo é indiferente ao cancro que provoca a anarquia na destruição dos tecidos sãos e a proliferação do tumor evoluindo fatalmente para a malignidade se o tratamento mais enérgico não é feito desde o início.

OS TRATAMENTOS DO CANCRO

Os tratamentos do cancro desorientam, como as suas causas e os seus sintomas. Nenhum tratamento médico, a despeito das centenas de tentativas científicamente fundadas, resultou. Indicamos, somente a título de exemplo, a primeira e plena de esperança destas tentativas: a Delbiase, que um dos mais eminentes professores de clínica francês, o Professor Delbet, havia aperfeiçoado. Esperança sem continuidade, seguida de tantas outras: tantas terapêuticas, tantas esperanças, como insucessos.

Actualmente a cirurgia impõe a ablação do tumor nas formas precocemente descobertas. Em seguida os raios destruidores do tumor, sob a forma de rádio ou de cobaltoterapia: a «curie-terapia» sob as suas variadas formas, que não são desprovidas de inconvenientes, mas que continua a ser a terapêutica cotidiana do mundo actual.

NO PRÓXIMO NÚMERO: Peregrinações às origens

Assinal e propaguei "Notícias do Algarve"

VENDE-SE

Nesta Vila, um prédio de 1.º andar, na Rua Jacinto José d'Andrade, tendo o 1.º andar vago, bom rendimento, recentemente construído, isento de pagamento de contribuição, por 6 anos. Nesta Redacção se informa

A LOUCURA LUNAR

(Conclusão da 3.ª página)

ceio de «levar a novos descobertas estes reinos e esta gente» Existe desconhecimento dos factos. Fala-se das tremendas despesas havidas com a construção dos novos engenhos, mas ignora-se o facto do seu estudo e aperfeiçoamento, embora obrigando a despendir verbas enormes, resultado tanto ou menos oneroso que o de um simples avião de combate. Ignora-se também que um foguetão, mesmo grande, mesmo capaz de ir até à Lua ou mais além, custa menos de um navio. Ignora-se, mais, que a sondagem da alta atmosfera e do espaço cósmico conduziu, ao fim dos primeiros dois anos, a revisão completa da física, da química, das ciências nucleares e termo-nucleares, a um desenvolvimento espantoso do estudo das radiações e da magneto-hidrodinâmica. Em 1957 considerava-se o Sistema Solar com uma série de globos sólidos, girando em volta de uma estrela igualmente sólida. Em 1959, a visão do mesmo sistema e de todo o Sistema do Mundo é em absoluto oposta: O Universo, as galaxias, as estrelas, são enormes nuvens de gás, ou melhor, de partículas subatómicas e atómicas efectadas e dominadas pelos campos magnéticos, e no meio das quais se movem, ínfimos e ignorados, os planetas, como navios num mar imenso. A Terra já não é um globo circundado por uma nuvem de gás com alguns quilómetros de altitude. É uma nuvem enorme, de oxigénio e azoto, de anidrido carbónico e de hidrogénio, de radicais livres e de protões, neutrões e electrões, com um pequenino núcleo sólido.

A descoberta da inexistência de um campo magnético lunar, feita através

do «Lunik II» pode, só por si e perante a luz que permite fazer sobre a natureza do misterioso magnetismo, abrir uma nova era, semelhante àquela que resultou da compreensão das principais propriedades da energia eléctrica. As perturbações das órbitas extremamente excêntricas (e logo extremamente sensíveis) do «Explorador VI» e do Lunik III vieram fazer luz sobre os efeitos da relatividade einsteiniana e abrir novos caminhos à mecânica celeste—pela primeira vez aplicada—e às altas matemáticas.

Tudo se modifica em nossa volta. Quase sem darmos por isso, vamos vivendo um dos maiores, se não o maior momento da História da Humanidade. Os benefícios indirectos da «loucura lunar» são já tantos e tão importantes que muitas fábricas e laboratórios se dedicam gratuitamente a estudos com a mira no denominado «fall-out», ou seja no aproveitamento imediato e em fins comuns, da aparelhagem, nos métodos e nos sistemas inventados para a exploração e conquista do espaço cósmico. São combustíveis e propulsores que passam dos motores para a soldadura autogénea, para a abertura de túneis, para a extinção de incêndios e até para a recuperação dos poços de petróleo. Esta última aplicação—interessante é dizê-lo—traduziu-se só por si num benefício económico, superior a todo o dispêndio de energias e capitais havido com os múltiplos engenhos astronáuticos e balísticos americanos. A construção de novos tipos de lentes, a partir de novos materiais, o persistente aperfeiçoamento da técnica electrónica, a prática adquirida nas pilhas solares, as pesquisas feitas

sobre materiais resistentes a altas temperaturas, estão a revolucionar as indústrias ópticas, electsónicas, eléctricas e de plásticos. As grandes fábricas de conservas e outros alimentos enlatados estão a utilizar no mercado os métodos por elas aperfeiçoados para resolver os problemas dos futuros astronautas. Os institutos de saúde americanos estão a utilizar para o estudo e diagnóstico precoce da arteriosclerose e das doenças cardíacas o mesmo sistema utilizado para o processamento dos dados referentes ao comportamento dos motores dos foguetes!

Disse há pouco Sir Winston Churchill que «ninguém deve acreditar que os foguetes lunares são simples mas engenhosas tentativas para ganhar prestígio. São, sim, manifestações de um avanço formidável em tecnologia. Como muitos veículos de puro estudo, a sua utilidade imediata pode não ser aparente. Mas não pode haver dúvida de que no fim a colheita será bela para aqueles que tiverem a imaginação e a possibilidade de os construir e com eles mergulhar cada vez mais profundamente nos mistérios do Universo em que vivemos».

O nosso País não se pode alhear dos progressos astronáuticos. Apocá-los ou ignorá-los é mais do que uma traição à ciência e à técnica. É uma traição à nossa própria História. É esquecer que também nós, Portugueses, procurámos novos Mundos para o Mundo. Passaram-se cinco séculos, é certo. Muita coisa mudou, mas mal iremos se também quisermos mudar as nossas almas.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

UM BOM CONSELHO
Reduza o peso dos anos com

APISÉRUM
Dr. BELVEFER

O Doutor Gautrelet (Paris) escreveu, após a observação de dois casos típicos de velhice:

+ Marie S... — 70 anos — Astenia. Desgosto da vida. Perda de memória. Após um mês de tratamento com APISÉRUM, ligeiras melhoras. A fadiga diminuiu. A doente mostrou-se mais alegre. Aumento de peso: 500 Grs.

+ Pierre M... — 72 anos — Manifestações idênticas, evoluindo há um ano. Tratado durante 30 dias com APISÉRUM, mostrou-se muito melhor. Retomou algumas faculdades psíquicas: memória, atenção; apetite aumentado. Aumentou 1.500 Grs. no peso.

Não se deixe vencer pela velhice

Detenha-a com

APISÉRUM
FARMACIA

À VENDA NAS FARMÁCIAS

Pedidos de literatura a:

FERNANDO DE OLIVEIRA & C.ª

RUA DE D. ESTEFANIA, 167-A, 167-C

LISBOA



soda
water

refrigerantes

JAGUAR

NOTA DOS FABRICANTES: a SODA WATER JAGUAR é confeccionada segundo uma antiga fórmula inglesa cedida a João Pires & Filhos, Ld.ª pela conceituada firma londrina, George S. Clayton, Ld.ª.

A maquinaria que foi necessário adquirir para integral cumprimento do formulário guinda a fábrica JAGUAR ao 1.º plano da indústria nacional e internacional da especialidade.

Não apenas esta maquinaria como toda a linha de fabrico encontram-se, permanentemente, patentes ao público.



DESPORTO



LUSITANO, O-ORIENTAL, O RESULTADO CERTO

Jogo no campo «Francisco Gomes Socorro», em Vila Real de Santo António.

Árbitro: Vaz Valente, de Beja.

LUSITANO — Martinez, Parra, Mendes e Gonçalves; Padesca e Armando; Torres, Jaruga, Rodolfo, Araujo e Ramires.

ORIENTAL — Edmundo, Alfredo, Viriato e Adolfo; Lus e Fernandes; Martinho, E'vora, Marques, Cordeiro e Cristovão.

Com a chuva caída no dia de sábado, quase ininterruptamente, era natural que o campo se encontrasse em mau estado para a prática do futebol. Por isso o estado do terreno influiu fortemente no jogo praticado pelas duas equipas. Os choques sucediam-se, uns intencionais, outros por consequência do deslizar forçado dos atletas por sobre a lama.

O Oriental que já tinha passado nos campos de Olhão e Faro, teve de contentar-se com um empate, imposto pelos briosos rapazes do Lusitano, que só não desfeziam a equipa lisboeta com uma derrota, por falta de sorte, e talvez por falta de organização, especialmente depois da expulsão de Parra.

Assim que o árbitro deu começo ao encontro, viu-se a preocupação nitida do Oriental em não deixar jogar, tentando desarmar o adversário de qualquer maneira, por vezes usando de violência, violência que se acentuaria durante o desenrolar do encontro, e esperando qualquer oportunidade para, em contra ataque rápido por intermédio do seu extremo-esquerdo — expulso junto com Parra — e do interior-direito, fazer gol.

Essa tática, se deu resultado em Faro e em Olhão, nada conseguiu em Vila Real. A defesa do Lusitano chegou bem para impedir que os avançados do Oriental fizessem o gosto ao pé. Por sua vez, os avançados locais, não tiveram forças para vencer a forte e inteligente barreira defensiva do Oriental. Diga-se de verdade que os avançados do Lusitano, da forma como estavam escalonados no terreno, poucas possibilidades tinham de um êxito. Algumas avançadas fulgurantes dos extremos não tinham seguimento pois ao chegarem à zona defensiva do Oriental não viam um companheiro a quem endossassem a bola. No centro do terreno, por vezes só Jaruga aparecia, e um elemento apenas nada podia fazer contra a muralha defensiva orientalista. Com os médios recuados por conveniência

justificada, se os interiores não tivessem também recuado exageradamente, não temos pejo em afirmar que o Oriental regressaria com uma derrota, que premiaria o esforço individual e o mérito próprio dos valerosos jogadores do Lusitano, jogadores que sabem jogar com «garra», aquela «garra» que caracteriza a equipa rubra. Pode haver, e talvez haja, falta de técnica, mas os esforços generosos que os atletas põem na luta, supera por vezes essa falta.

O Oriental podia, e devia, ter evitado o jogo feio que se viu amiudadas vezes, porque se tem aspirações ao título, procure ganhar jogando e não provocando espectáculo como o de domingo passado. E'

certo que alguns elementos do Lusitano também merecem censura por responderem ao jogo violento. Mas se o Oriental não tivesse pretendido ganhar, empregando jogo duro e feio, não teria havido resposta e consequentemente não lamentaríamos as expulsões dos dois elementos que muita falta fazem às suas equipas. Pena foi que o árbitro, sr. Valente, que começou bem, tivesse depois uma actuação incerta deixando-se influenciar pelo jogo. No entanto, não lhe podemos dar nota muito baixa porque na verdade foi um jogo bem difícil de arbitrar.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Barreirense	14	12	1	1	32-11	25
Oriental	14	9	4	1	25-11	22
PORTIMONENSE	14	9	—	5	40-22	18
OLHANENSE	14	9	—	5	24-12	18
FARENSE	14	7	3	4	27-12	17
LUSITANO	14	6	4	4	28-21	16
Montijo	14	6	2	6	26-27	14
Desp. Beja	14	5	2	7	19-20	12
S. L. Olivais	14	5	2	7	25-28	12
Almada	14	5	—	9	18-26	10
Juventude	14	3	4	7	21-33	10
Serpa	14	4	2	8	22-38	10
Estoril	14	3	2	9	18-30	8
Arroios	14	2	—	12	19-54	4

Jogos para hoje: OLHANENSE-Beja; Juventude-Arroios; PORTIMONENSE-LUSITANO; Oriental-Montijo; Estoril-Barreirense; Olivais-FARENSE; Serpa-Almada.

DEMONSTRAÇÃO DE JUDO NO CLUBE NAUTICO DESTA VILA

A direcção do Clube Náutico do Guadiana, convida os seus associados, e desportistas vilarealenses, a assistirem à demonstração de judo que os judocas bejenses, acompanhados do seu mestre sr. Francisco da Cruz Martins, farão hoje na sua sede, pelas 16 horas.

O professor do Kodokan, de Toquio, mestre Koboiach, que acompanha esta embaixada fará uma demonstração técnica da arte do Judo.

CLUBE RECREATIVO LUSITANO

No passado dia 11 realizou-se na sala deste conhecido Clube vilarealense a eleição de Corpos Gerentes para o ano de 1960, tendo sido eleitos por votação os seguintes sócios:

Assembleia Geral — Presidente, dr. Albano Amorim de Lencastre; Vice-Presidente, César Machado Pinto Pontes; 1.º Secretário, Ezequiel Faustino Fernandes; 2.º Secretário, José Bento Júnior.

Direcção — Presidente, Francisco Lopes Madeira; Vice-Presidente, Fabiano do Carmo Rafael; Secretário, Francisco Zarco Graça; Tesoureiro, Mário Samúdio; Vogal, Filomeno de Jesus Marinheiro.

Suplentes — António Xavier de Sousa, José do Carmo Padesca e João de Sousa Geraldo.

Conselho Fiscal — Presidente, Manuel Peres Tenório; Secretário, João Ilídio Setúbal; Relator, José dos Santos Campinas.

Suplentes — Manuel Cipriano e António João Horta.

GLÓRIA F. CLUBE

Está convocada para o dia 18 do corrente mês, pelas 20,30 horas, a Assembleia Geral deste popular Clube para apreciação de contas do ano de 1959, Relatório da Direcção e Eleição dos novos Corpos Gerentes para 1960.

GOLOS E GOLÕES

MARTIN (Portimonense) CONTINUA NO COMANDO

Autor de dois dos cinco golos obtidos pelo Portimonense no passado domingo no campo do Arroios, Martin continua no comando da classificação da zona sul.

A lista dos marcadores é a seguinte:

Martin (Portim.)	14
Mascarenhas (Bar.)	10
Campos (Olanhense)	8
Jaruga (Lusitano)	8
Queimado (Farense)	8
Alexandrino (Port.)	7
Torres (Lusitano)	7

MODIFICAÇÕES na equipa do LUSITANO

A equipa do Lusitano, no jogo que hoje efectua em Portimão, apresentará algumas modificações.

Assim, Armando ocupará o lugar de defesa direito em virtude de Parra estar a cumprir castigo federativo, e Marco voltará à equipa, enquanto Araujo ocupará o lugar de médio.

O VÃO DAS AVES

Quando caçava nas margens do Rio Guadiana, no sítio das Lezírias, cerca da vizinha vila de Castro Marim, foi abatida pelo sr. José António Madeira uma gaivota portadora de uma anilha de alumínio com a seguinte inscrição: GRAMPTON—PENS FORD—BRISTOL—A. 1789

Outros resultados

Farense, 2 — Serpa, 0
Arroios, 1 — Portimonense, 5
Almada, 2 — Olhanense, 0
Barreirense, 2 — Olivais, 1
Montijo, 2 — Estoril, 2
Beja, 0 — Juventude, 1

COMENTÁRIOS AO NACIONAL DA II DIVISÃO RELANCE DA JORNADA

Principiou no domingo passado a segunda volta dos Campeonatos Nacionais de Futebol. Mais uma caminhada há a percorrer. Umhas equipas aspirando aos lugares de honra, outras o meio da tabela da classificação e outras lutando para não descerem de divisão.

Como na I Divisão, na II Divisão têm que se realizar mais doze partidas, pelo que, continua a revolução, domingo a domingo, na classificação geral.

Sobre as equipas algarvias — essas interessam-nos muito especialmente — nada se pode dizer no que diz respeito a uma classificação final, pois, todas elas estão bem classificadas, embora já se encontrem distantes dos dois primeiros lugares. No entanto não é caso para «tristezas» pois ainda agora principiou a segunda volta e qualquer dos quadros algarvios têm valor e força suficiente para cometerem, ainda, uma proeza...

As arbitragens estão a prejudicar os quadros algarvios, eis o que se diz e com justificadas razões nos meios desportivos do Algarve. Na verdade assim parece e ficaríamos de mal com a nossa consciência se deixássemos passar o acontecimento em claro, porquanto há qualquer coisa a esse respeito...

Ainda no domingo os grupos do Lusitano e do Olhanense sofreram com algumas decisões dos senhores Juizes, perdendo ambos ingloriamente...

A DÉCIMA QUARTA JORNADA DISSE: Em Vila Real de Santo António

O Lusitano não ganhou mas também não perdeu, pois, impôs um empate — e não ganhou por erros de arbitragem — ao forte conjunto do Clube Oriental de Lisboa.

Assistimos a esta partida e francamente somos forçados a dizer que o Juiz do encontro cometeu alguns deslizes que prejudicaram a turma do argentino Bello, pois, a haver um vencedor esse

teria que ser o Lusitano, porquanto dominou com mais clareza, perigando várias vezes a baliza à guarda de Edmundo, que foi, sem dúvida, o melhor homem em campo.

Ao fim e ao cabo o prélio terminou com um empate sem golos, sendo o mesmo lisongeiro para os lisboetas.

Na primeira volta os lusitanistas perderam por três tentos a zero...

Em Faro

O Farense venceu, como se esperava, a simpática equipa alentejana de Serpa. Embora actuando mal, os farenres não tiveram dificuldades em obterem os dois pontos. O resultado final foi de

dois tentos para o Farense, não tendo os visitantes marcado, sequer, o ponto de honra.

Na primeira volta os algarvios empataram a um tento.

Em Lisboa (Arroios)

Embora actuando contra um conjunto modesto, o Arroios, o Portimonense, como se esperava, não teve dificuldades de maior, pois, o resultado de cinco tentos contra um diz bem das facilidades encontradas pelos barlaventinos. O Ar-

roios vê-se assim numa situação bastante melindrosa, porquanto é o lanterna vermelha.

Na primeira volta os algarvios venceram por seis tentos a zero.

Em Almada

O Olhanense perdeu por dois tentos a zero o encontro que realizou no Campo do Pragal frente ao clube Local. O resultado foi exactamente o mesmo verificado na primeira volta, embora dessa vez a vitória houvesse sorrído aos rubro-negros.

Este encontro revestia-se de grande importância para os olhanenses e — embora fosse um obstáculo difícil de transpor, acreditávamos abertamente numa vitória dos algarvios. Assim não se verificou, pois, os olhanenses, embora actuando melhor — os rubro negros realizaram

magnífica partida — do que o clube local perdeu, muito contribuindo para o desaire o árbitro da partida, pois, das duas grandes penalidades marcadas contra o Olhanense, — afinal foram os dois golos do Almada — uma delas não merecia tal castigo...

Conseguirá o clube da vila cubista alcançar ainda um dos dois primeiros lugares? Acharmos difícil mas não impossível, tanto mais, que o clube conta com bons valores e com um técnico de reconhecida capacidade. Veremos o que dizem as restantes doze jornadas.

HOJE REALIZAM-SE OS SEGUINTE ENCONTROS:

Em Olhão, os locais recebem a visita do Desportivo de Beja. Embora com dificuldades os olhanenses devem ganhar. Na primeira volta os alentejanos venceram por 3-2.

Em Portimão, os locais recebem os lusitanistas e devem ganhar, embora os rubros sejam capazes de cometerem uma proeza...

Os portimonenses na primeira volta ganharam em Vila Real de Santo António por 3-2.

Em Lisboa, os olivalenses terão que jogar muito para ganharem ao conjunto de Faro. Um empate será, talvez, o desfecho final. Na primeira volta os lisboetas pregaram um susto aos farenenses, pois, embora perdendo por 2-1 mereciam um empate...

H. V.

COMEÇA HOJE o «Nacional» da III Divisão

Começa hoje em todo o País o Campeonato Nacional da III Divisão, o qual na zona D — 8.ª série deu os seguintes jogos para hoje:

S. Domingos — Aljustrelense
Ferreirense — Samsbrasense
Desp. S. Brás — Despertar
Silves — Louletano

EQUIPA PROVÁVEL DO LUSITANO

MARTINEZ	
ARMANDO	GONÇALVES
MENDES	
PADESCA	ARAÚJO
JARUGA	MARCO
TORRES	RODOLFO RAMIRES

EQUIPA PROVÁVEL DO PORTIMONENSE

DANIEL	
PACHECO	REBELO
CALDEIRA	
ARQUIMÍNIO	JOÃO LUÍS
ADVENTINO	MARTIN
ROMÃO	CABRITA ALEXANDRINO



ALGARVE FLORIDO

(Conclusão da 1.ª página)

do ano percorrer a meia encosta a sua serra no pendor que cai para o Oceano ficará extasiado de tanta beleza?

Ao fundo o mar de um azul puríssimo geralmente tranquilo levemente franjado quando se espreguiça nas suas areias fúlvias, cores tornadas mais quentes e brilhantes pela mornidão do Sol, ouro sem mancha que se despeja de um azul tão puro como aquele que cá em baixo o recebe.

Entre a serra e o mar o tabuleiro variegado das suas culturas, semeado dos seus casais brancos onde sobressaem as chaminés como coruchéus de rendas de pedra. As suas praias, que é toda a extensão da costa, são das mais belas do País.

Não há nisto exagero; podiamos dizer até que são das mais belas de todo o Mundo.

Aqui raramente o mar embravece impedindo tomar banho; a areia é limpa e fina sem sabro que magoa; o ar iodado bastante e a água de uma tepidez que se não encontra em qualquer outra parte.

Dizer as belezas do Algarve

Algarvios Ilustres

(Conclusão da 1.ª página)

samente se associa ao coro unânime de louvores em honra do mestre ilustre.

Na Academia Militar foi atribuída a espada Alcazar de Toledo ao aluno mais distinto do curso que findou, senhor aspirante da administração Militar, Rui Dionísio da Assunção Valério, nosso comprouviciano, de Alcoutim.

As nossas felicidades.

A Ciência e a História

(Conclusão da 1.ª página)

mente na direcção do centro da terra? Porque toda a minha vida tenho visto a pedra cair nessa direcção. Por isso tenho arreigada a crença de que ela seguirá sempre esse caminho nas experiências futuras que vier a fazer.

Do mesmo modo, baseado no conhecimento de certos factos históricos semelhantes e acontecidos algures, eu poderei habitar-me a sondar o futuro dum povo ou da humanidade.

No seu livro «Idade Média», Alfredo Pimenta chega a tirar ilações interessantes no ponto de vista especulativo, conseguindo provar que a ciência histórica constitui apenas um desejo que dificilmente poderá concretizar-se fora do estudo objectivo das matérias documentais. Para este escritor só será possível fazer ciência histórica nos acanhados limites da dedução.

Com efeito, certas conclusões, baseadas em documentos, são essencialmente função do modo de

pensar do historiador. Este facto, aliás sensível, tem levado muita gente a dizer que a história como ciência se enquadra no muito de contingente da máquina humana, surgindo portanto afectada dos erros desta, tal como a astronomia está dependente das paralaxes e outros defeitos da optica do telescópio.

Aqueles que assim pensam não atenderam decerto a todos os dados do problema que se põe, e estão longe de ter conseguido uma resposta satisfatória. Em optica os defeitos são todos conhecidos e os erros podem, dentro de certa medida, ser corrigidos. Pelo contrário, a máquina humana, isto é, o homem como ser pensante, é dum tal complexidade que dificilmente se encontrarão dois intelectuais de acordo, sendo muito verdadeiro o aforismo popular que afirma: Cada cabeça, cada sentença.

Quando um tal aparelho é chamado a decidir sobre a verdade de determinados acontecimentos (principal objecto da história) o mais plausível é que a decisão venha francamente afectada dum elevada soma de personalidade — personalidade variável de indivíduo para indivíduo.

A verificação deste facto poderia levar-nos a classificar a história como uma ciência subjectiva, se tal designação não pecasse por demasiado optimismo, habituados como citamos, de longa data, às objectividades científicas.

Um conhecimento afectado pelo subjectivo, só por graça se poderá considerar ciência! E em história as marcas do subjectivo qualquer as poderá verificar confrontando dois compêndios de autores diferentes. Em certos casos a disparidade conceitual é flagrante.

Dentro de alguns aspectos o historiador, por mais que queira, não consegue furtar-se ao seu Eu. Por esta razão de egocentrismo explica-se, por exemplo, a existência dum Marquez de Pombal, segundo uns, supremo causador de todos os nossos males, segundo outros, genial estadista e grande iniciador da modernidade portuguesa.

Estes desencontros frequentíssimos explicam quanto será difícil de induzir um julgamento ajustado à verdade. Até porque a verdade muda de cores consoante os olhos que a encaram.

Há ainda outra circunstância a atender: Um fenómeno histórico

O Milagre de Nazaré

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

la igreja, um pequeno santuário, abençoa as pequenas casinhas dos bondosos pescadores.

Conta uma remota lenda que depois da batalha de Crisus, no ano 714, a que se seguiu a invasão dos infiéis na Península Ibérica, o cavaleiro D. Rodrigo, procurou refúgio naquele sitio, ali escondendo as reliquias da nossa fé e uma estátua de Nossa Senhora que mais tarde foi considerada milagrosa. A sua padroeira foi desde então consagrada pelos habitantes da vila e particularmente por D. Fuas Roupinho, o qual um dia em que montava em furioso galope, perseguindo um veado, encontrou-se inesperadamente no cimo do rochedo à beira do abismo. O cavalo amedrontado pelo perigo eminente empinou-se sobre o vácuo e a imensidão do mar e naqueles curtos momentos parecia que nenhuma salvação viria em socorro do cavaleiro.

Mas este num rasgo de fé invocou Nossa Senhora que no mesmo instante lhe surgiu do céu. E aconteceu o milagre: o cavalo erguido nas patas dianteiras ficou improvisamente parado com uma das patas posteriores fixada no rochedo. E assim se salvou o cavaleiro.

O povo de Nazaré, mostra ainda hoje ao turista, após tantos séculos, a marca da pata do cavalo, indelévelmente gravada no chão.

só muito dificilmente se consegue isolar. Em rigor nunca temos um só fenómeno, mas uma cadeia de fenómenos. Um efeito qualquer, atribuído a determinada causa, surge-nos no tempo como causa de múltiplos efeitos, e assim por diante. O passado, qualquer que seja, e seja qual for o ângulo sob que o analisemos, tem sempre raízes lançadas num passado mais remoto e faz sentir a sua influência no presente e quiçá no futuro. Isto se efectuarmos uma perquisa metódica ao longo do tempo.

Esta cadeia de fenómenos também se estende no espaço. Existe sempre uma inter dependência entre a história dum povo e a história dos outros povos. Raramente um movimento se poderá restringir a acanhados limites geográficos, sobretudo se ele tiver sido determinado por qualquer corrente ideológica de validade universal. Assim, a independência dos Estados Unidos e a independência do Brasil tiveram uma génese puramente económica que, contudo, mal se compreenderá fechando os olhos às doutrinas da revolução francesa, isto é, aos acontecimentos que fermentaram num outro continente.

A causa determinante de certos fenómenos históricos, muitas vezes só pode explicar-se com êxito se fixarmos a nossa atenção em locais geográficamente afastados que, à primeira vista, parecem de menor interesse aos casos em estudo.

A reforçar esta ideia ainda um outro exemplo: A nossa revolução de 1820, por muito que nos custe, foi antecipada pelas invasões francesas, promovidas por Napoleão Bonaparte.

Estas invasões destruíram o poderio dum governo reaccionário hermetico às ideias novas. Assim o liberalismo, apoiando-se nas baionetas de Junot, sacudiu o bafo que paralizava o pensamento português, dando alento à minoria de livres pensadores perseguida pelo espirito conservador da época.

A constatação destas semelhanças e influências tornou imprescindível os estudos de história comparada; estudos esses que permitem a indução de certas leis. O mundo, sondado em todas as direcções e através de todos os tempos, surge-nos como um imenso laboratório onde os diversos fenómenos se repetem e se sucedem com frequência, tornando sensível uma casualidade independente de subjectivismos.

A história, olhada em ponto grande, repete-se; senão nos seus pormenores, pelo menos nas suas linhas gerais. Este facto parece ter passado despercebido a Alfredo Pimenta, na introdução da sua «Idade Média». E daí as suas considerações não terem em conta a existência dum história capaz de orientar o investigador portas a dentro da própria história.

A história desde que se restringa ao limite das grandes generalizações pode tornar-se uma ciência. Para tanto basta que ela vise fenómenos de repercursão universal, em vez de fenómenos locais de pequena influência no destino dos povos e, portanto, incapazes de se tornarem sensíveis a esses mesmos povos. E terá de ser assim porque (digam os sábios o que disserem) os povos são afinal os grandes responsáveis dos movimentos de opinião, no fundo dos quais queremos encontrar uma casualidade histórica.

J. Silva Carvalho

O preço da Alfarroba

(Conclusão da 1.ª página)

por grosso das forragens ensacadas, em pesetas: cevada, 3,90; aveia, 3,70; centeio, 4,20; milho híbrido, 4; milho fino, 4,60; favas, 5,30; alfarrobas, 4,75.

Os leitores agora que façam as comparações e tirem as suas conclusões.

É preciso ter presente que a produção das alfarrobas em Espanha é, em média normal, cerca de 3 vezes superior à nossa, ou seja 96.000 toneladas, das quais apenas exporta 5 a 4 mil toneladas por ano.

E já agora, como resumo desta troca de impressões, que há um lavrador algarvio que é ao mesmo tempo, um distinto professor de Química das nossas Universidades, que nos disse há pouco tempo que com a maior facilidade obtém açúcar branco das suas alfarrobas—quando na sua Quinta não tem à mão o açúcar para as suas refeições!...

Dr. António de Sousa Pontes

QUANDO LERES

O MEU DIÁRIO... (3)

por EMÍLIO VALONGO

PAREI, por momentos, a leitura daquela carta. Depois, acendendo um cigarro, continuei: «... Insultei-me, intimamente, por ter duvidado de mim própria; esqueci a amizade e passei a amar, num amor constante e meigo, numa volúpia ardente e carinhosa, aquele homem que brincara na minha mesma mocidade. Ah, quanta alegria eu dissimulava neste rosto afogado, quando ele chegava, pela tardinha, a casa, e eu corria ao seu encontro, agarra-o, beijava-o e sentia-lhe a respiração compassada que ainda mais me aquecia a carne já contaminada por aquela violenta paixão! Depois, na mesa, durante o jantar e quando o servia, seguia-lhe os gestos, ouvia-o, embevecida, aturdida de felicidade, e quando nos acercávamos do berço da nossa filha, essa felicidade, era infinita! Felicidade comovete essa que de noite me invadia o coração ao abraçá-lo, louca, apaixonadamente, naquela carícia, misto de gozo e de tortura, de ser possuída, amada profundamente e sentir a sua carne contra o meu peito latejante! Ah, tu nem podes interpretar o que isto foi para mim, Mário! Era a minha vida, a minha felicidade, a louca e desenfreada paixão de ser amada!»

«MAS o sol que beijara já o meu rosto ridente e confiante, acariciando as minhas mãos e iluminando meu coração repleto de felicidade, enfraquecera. O companheiro das minhas correrias pelo jardim e das brincadeiras inocentes no patamar de minha escada—revelou-se, pouco a pouco, no homem abrupto, na besta racional, desconfiando e ciumento, e dominado, apático, por um complexo de inferioridade! De princípio, sorri-lhe.

Depois, esse riso hipócrita e forçado ante o exterior, tornou-se numa comédia. Uma falsa comédia, acredita.

«DESDE então, não mais pude reaver essa felicidade que um dia conheci; e por estes olhos que tanto o idolatraram, as lágrimas que eu nunca chorara, talvez, caíram como pétalas já murchas, como folhas amareladas, e inundaram o meu triste coração! Depois vieram as noites tão longas, a ausência de uns braços amigos e dum peito onde pudesse abafar a minha dor, a falta dum boca para beijar, apaixonadamente. Não, eu nada disto passei a ter, então. Sômente conheci a indiferença, o desprezo, e passei a pressentir esse malvado e destruidor complexo a seguir-me os passos, auscultar-me, criticar-me, apedrejar-me, como se eu tivesse culpa de continuar a ser a mesma criança que os anos tornaram numa mulher, essa criança bela e meiga que hoje brinca ainda com uma boneca de carne gerada nas suas entranhas!»

CONTINUA

Visado pela Comissão de Censura

BONDADÉ

Josefina Baker, a famosa cantora negra, que vive no pungente desgosto de mulher que não usufruiu a glória de ser mãe, adoptou como filho mais uma criança — a décima-primeira, — em contrada por um velho trapeiro de Paris na véspera de Natal, tránsida de frio, num caixote de lixo.

Não comentamos o acto de pura generosidade da cantora de pele negra e alma branca; comovemo-nos ante o seu desgosto e registamos, mais uma vez, o que um coração bondoso pode praticar.

sem exagero ou fantasia é contribuir para a sua propaganda, é fazer com que muitas pessoas gozem também as belezas com que nós embenecidamente nos regalamos.

Quando a nossa Província tiver as necessárias e rápidas vias de comunicação e cómodos transportes, agora que se começa a tratar dos hotéis onde receber os seus visitantes, podemos assegurar-lhe um futuro risonho de abundância.

Está o Algarve agora no apogeu da sua fascinante beleza, mas, acentuemos, ele é sempre belo seja em que estação do ano se procure.

Temos de o proclamar para que todos o saibam e reconheçam visitando-nos.

Monte Gordo Moderniza-se

(Conclusão da 1.ª página)

tabelecimentos congêneres de toda a península.

O novo Hotel que possuirá, segundo nos informam, uma baixela de igual gosto e concepção do conhecido Hotel Infante de Sagres, no Porto, estará provido de uma magnífica «boite», onde serão apresentadas as melhores orquestras e conjuntos musicais a par de estrelas da rádio e televisão, aberta durante todo o ano no terraço do Hotel devidamente resguardado das intempéries será a maior atracção de todo o sul do País quer nos meses de Verão, quer ainda nos meses de Inverno.

O Hotel «Vasco da Gama» que prossegue a sua construção em ritmo bastante acelerado, con-

tando para mais de 80 operários na sua edificação, deve ter os três pisos completamente levantados em fins de Março e ser inaugurado e aberto ao público no dia 1 de Agosto.

Enfileirando no seguimento das iniciativas turísticas que dentro de poucos anos elevarão Monte Gordo à melhor estância balnear e turística do nosso País, está já em estudo entre numerosos e empreendedores rapazes da mocidade da nossa vila, a edificação de uma magnífica esplanada-dancing aberta durante todo o Verão no interior da nossa verdejante mata, onde apresentará um esplêndido serviço de cozinha espanhola e portuguesa e ainda a apresentação dos mais destacados nomes do «music-hall» estrangeiro, espera-se que já no ano de 1961 esteja pronta a funcionar esta original esplanada.

E não ficam por aqui as iniciativas de carácter turístico que pouco a pouco se vão esboçando no cérebro daqueles que vêm já em Monte Gordo uma futura zona turística de alto valor e inúmeros recursos.

Junto ao Casino na zona livre entre o Hotel e frente à praia já alguns proprietários de restaurantes e cafés da nossa vila estão a projectar instalar esplanadas com serviço de restaurante a preços módicos, pondo à entrada da praia um aspecto multicolor com os seus toldos de risonhos tons coloridos.

Monte Gordo moderniza-se, eleva-se na sua categoria turística e estamos certos que todos vêm já nesta vasta região de areal dourado e temperadas águas, não só uma futura zona turística de importante repercursão em todo o sul da Europa, como também uma forte garantia financeira para o nosso conchelo.

ENCONTRA-SE ENCALHADO NA FUZETA UM ARRASTÃO ESPANHOL

Devido ao mau tempo que assolou as costas da nossa província nos primeiros dias desta semana, encalhou próximo da Fuzeta um peixeiro espanhol de nome «Sol y Luna», tendo-se salvo todos os tripulantes.

Estão a proceder-se a várias tentativas para desalçar o peixeiro espanhol.

BEBENDO VALDOR

BEBE DOS VINHOS

O MELHOR VALDOR

O VINHO PARA AS VOSSAS REFEIÇÕES



GARRAFA CONTENDO 1 LITRO

DISTRIBUIDORES

Soc. Com. Abel Pereira da Fonseca, S. A. R. L. - FARO (CUIDADO COM AS IMITAÇÕES)

LÃS PARA TRICOT

A CASA QUE MAIOR SORTIDO APRESENTA EM LÃS

Marcas: TWEED, SHETTLAND, AUSTRALIANA, RUBY, ANGORÁ

LINDA COLECCÃO DE ALGODÕES MERCERIZADOS

PERLOPONS E RÁFIAS

CORES GARANTIDAS—ENVIAM-SE AMOSTRAS

PEDIDOS A: J. A. MONTEIRO, LDA.

RUA AUGUSTA, 250-2.º DT.º — LISBOA